O Telurismo e a Obra de Girão

Antônio Girão Barroso

"Raimundo Girão — poligrafo e homem público". Com esse título, bastante expressivo, Eurípedes Chaves Júnior batizou muito bem o excelente livro publicado por ele em 1986, traçando o roteiro biobibliográfico (como está lá, no subtítulo) do grande cearense, um dos maiores de todos os tempos, que o nosso Estado, e por que não o Brasil, perdeu recentemente. Dono de uma cultura exemplar, invulgar mesmo, como poucas existentes entre nós, Raimundo Girão notabilizou-se desde muito moço como um autêntico historiador e geógrafo, além de atividades, as mais diversas, tanto no campo da cultura como da administração pública, com um destaque, naturalmente, para o incrível número de livros e publicações saídos da sua pena privilegiada.

Lendo, de ponta a ponta, e sempre com o maior interesse, o livro de Eurípedes Chaves Júnior, fiz uma porção de anotações à margem das suas cento e oitenta e três páginas, porém, elas foram tantas que é impossível trazer para este espaço, relativamente pequeno, digamos, a maioria delas, talvez apenas quatro ou cinco por assim dizer mais ao meu gosto.

Esta curiosidade, por exemplo, detectada à página 51, item 204: com apenas 18 anos de idade, aluno do veterano e resistente Liceu do Ceará (hoje Colégio Estadual Liceu do Ceará), Raimundo Girão aparece como um dos colaboradores da revista *19 de Outubro*, aliás, no seu número inaugural (19.10.1918), órgão do Grêmio Farias Brito, assinando uma crônica intitulada "O Condor", acreditamos que sobre

Castro Alves. Quer dizer, como alguns jovens do seu tempo, a maior parte dos quais não chegou à sua idade e muitos não tendo se dedicado depois às lides culturais, Raimundo Girão começou cedíssimo a escrever e a publicar trabalhos em revistas e jornais da terra, até que, a partir de 1937, dá à luz os seus primeiros livros, uns pequenos (só no tamanho, é claro), outros maiores, ano após ano, o último dos quais *Dicionário da literatura cearense,* saído no ano passado e que contou com colaboração da sua grande amiga Maria da Conceição Souza.

Raimundo Girão, estranhamente lúcido para a idade a que chegou, 88 anos, trabalhou praticamente até os seus últimos ou penúltimos dias, pensando na reedição do *Dicionário da literatura cearense,* certamente aumentando e melhorado, e no *Montes, Machados, Girões,* publicado em 1967 e que ele estava atualizado, com novos dados não raro difíceis de conseguir.

Vejamos, agora, algumas publicações mais raras ou menos conhecidas de Raimundo Girão: *Bandeirismo baiano e povoamento do Ceará; Bichos cearenses na obra de Alencar; Botânica cearense na obra de Alencar e caminhos de Iracema; Educandários de Fortaleza; O fenômeno freudiano e a criminologia* (tese de Doutoramento — Faculdade de Direito); *Páginas exumadas; A princesa vestida de baile* (sobre Fortaleza). E vai por aí, sem contar a imensa quantidade de colaborações sob a sua assinatura, além de entrevistas e reportagens sobre ele e sua obra e atividades como homem público, publicadas na imprensa brasileira e até mesmo fora do Brasil. E haveria de mencionar ainda a igualmente enorme quantidade de escritos a respeito dele e de todos os seus livros, cuja lista seria também longérrima, de A a Z, até dizer basta. Daqui por diante, sem a menor dúvida, esse preito de admiração por ele e por tudo o que ele realizou não vai parar nunca. E que Deus o tenha na mansão dos Justos.

Transcrito do D.O. Letras — Ano III n.º 12 — julho/setembro 1988.